

O uso do mapa das mediações em análises de práticas de comunicação para a representação das diferenças na cultura da mídia

Vinícius Oliveira Silva¹
João Ernesto Pelissari Candido²
Andréa Ferraz Fernandez³

36

Resumo

Este artigo destaca a importância da análise de práticas de comunicação na cultura da mídia contemporânea, com foco na produção simbólica e representação das diferenças. Utilizamos uma revisão de literatura exploratória, refletindo sobre o método das Mediações de Jesús Martín-Barbero, e explorando autores como Omar Rincón e Maria Immacolata Vassallo de Lopes, que dialogam com os mapas das mediações. Como resultado, apresentamos um mapa próprio para observar visibilidade, sensibilidade, resistência e questões relacionadas às diferenças em processos de produção de subjetividades nas mídias digitais e em ambientes de trocas dialógicas. A partir disso, consideramos a possibilidade de deslocamentos metodológicos para explorar, na comunicação, formas de abordar temas muitas vezes ocultos sobre a representação das diferenças, promovendo trocas reflexivas, sensoriais e educacionais sobre diferentes modos de ser e se expressar no mundo.

Palavras-chave

Mídia Digital; Cultura; Tecnologia; Mediações.

Recebido em: 26/08/2023

Aprovado em: 26/12/2023

¹ Doutorando em Estudos de Cultura Contemporânea pela Universidade Federal de Mato Grosso (PPGECCO/UFMT), Mestre em Performances Culturais pela Universidade Federal de Goiás (PPGPC/UFG). Técnico do Núcleo de Artes Cênicas da Universidade Federal da Grande Dourados (NAC/UFGD).

e-mail: ovinnie@outlook.com.br.

² Doutorando em Estudos de Cultura Contemporânea pela Universidade Federal de Mato Grosso (PPGECCO/UFMT), Mestre em Desenvolvimento Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso.

e-mail: joao.candido@edu.mt.gov.br.

³ Doutora em Ergonomia da Comunicação pela Universitat Politècnica de Catalunya. Professora dos Programas de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea (PPGECCO/UFMT) e Comunicação (PPGCOM/UFMT) ambos na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Também é Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo.

e-mail: andrea.fernandez@ufmt.br.

The Use of the Mediations Map in Analyzing Communication Practices for the Representation of Differences in Media Culture

Abstract

This article highlights the importance of analyzing communication practices in contemporary media culture, with a focus on the symbolic production and representation of difference. We have conducted an exploratory literature review, reflecting on Jesús Martín-Barbero's Mediations method and exploring authors such as Omar Rincón and Maria Immacolata Vassallo de Lopes who work with mediation maps. As a result, we present our own map to observe visibility, sensitivity, resistance, and issues related to differences in the processes of producing subjectivities in digital media and interactive environments. Based on this, we consider the potential for methodological shifts in communication to explore the addressing of often hidden issues related to the representation of difference, promoting reflective, sensory and educational exchanges on diverse ways of being and expressing oneself in the world.

Keywords

Digital Media; Culture; Technology; Mediations.

Introdução

Com o acesso às tecnologias digitais e as mudanças que ocorrem no mundo, as práticas de comunicação tendem a ser ressignificadas e transformadas de acordo com a capacidade técnica e criativa que surgem dos usos frequentes que os diferentes grupos sociais, classes, etnias e gerações fazem dos formatos e mídias digitais. O que não resulta apenas na reprodução de uma ideologia, mas também na geração de atritos constantes na cultura da maioria, a partir dos formatos consagrados para comunicação, e de alguns gêneros que são recriados em busca de novas tramas narrativas, cenográficas e gestuais que contemplem as expectativas desses diferentes grupos (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 19-20).

38

Esses fatores são importantes para a percepção das relações entre representação das diferenças e prática de comunicação, como uma forma de ampliar discussões sobre o espaço midiático, pois em diálogo com Kellner (2001, p. 09) a cultura da mídia “fornece o material com que muitas pessoas constroem o seu senso de classe, de etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade, de nós e eles”.

Podemos notar que em contextos recentes, até os meios de comunicação mais consolidados como a televisão, estão utilizando estratégias diversas para se adaptar às mudanças sociais, bem como aos modos de produção, criando seus próprios serviços de *streaming*, surfando na onda de filmes, séries, *podcasts*, dentre outras práticas pensadas também para diversificar a programação através dos formatos *on-line* e sob demanda.

Estes fenômenos, aparentemente, são resultantes não apenas do atrito das práticas de comunicação com a cultura da mídia e os meios tecnológicos, mas para Rincón (2018, p. 67) isso acontece em um tempo que esse tipo de criação nos contextos da comunicação está mais interligado com as mediações do que com os meios, diz mais sobre processos do que sobre objetos, e é mais o retrato das pessoas do que apenas dos emissores.

Assim, surge uma comunicação liberada dos meios de comunicação e de seus efeitos, no qual o importante é o processo no qual as comunidades produzem, circulam, questionam, mantêm e transformam significados; uma comunicação feita mais de gente do que de tecnologias ou meios (RINCÓN, 2018, p. 67).

Indivíduos de diferentes setores sociais estão influenciando mudanças nos padrões midiáticos e políticos ao se envolverem em expressões simbólicas da comunicação. Isso desafia a visão de que os meios de comunicação não contribuem para a formação de linguagens culturais locais, questionando a ideia de uma alienação cultural de massa.

O objetivo deste artigo é refletir sobre a importância de um deslocamento metodológico, como estratégia de análise para pesquisas em comunicação no contexto da cultura da mídia contemporânea, que considere as características de produção simbólica na representação das diferenças.

Metodologia

No decorrer do artigo, iremos apresentar um referencial sobre o deslocamento metodológico em pesquisas sobre mediações. Por meio de uma revisão de literatura exploratória, selecionamos um exemplo de mapa das mediações, para servir de base para outro mapa confeccionado por nós, que foi pensado para colocar em evidência características de representação das diferenças.

A revisão de literatura exploratória é uma forma de selecionar adequadamente os materiais disponíveis durante a busca, para posteriormente realizar uma leitura analítica e interpretativa como forma de sintetizar o contexto teórico das fontes utilizadas (GIL, 2008, p. 27).

Uma pesquisa exploratória é comumente utilizada quando o tema específico é pouco explorado, e requer primeiramente um levantamento bibliográfico para melhorar a compreensão do problema e explorá-lo de forma mais ampla (GIL, 2008, p. 27).

Ao escolher as fontes, restringimos nossa seleção aos autores que impactaram nosso pensamento na concepção de um mapa essencial para aprimorar a compreensão da representação das diferenças.

Posteriormente, desenvolvemos reflexões teóricas que serão demonstradas através de textos argumentativos acerca da construção de um mapa das mediações, bem como suas trocas reflexivas, sensoriais e a geração de um

ambiente de produção de conhecimento nas práticas de comunicação. Durante a revisão bibliográfica, priorizamos publicações que ressaltam a relevância das mediações na representação das diferenças, dando ênfase às que apresentavam maior consistência e aprofundamento teórico relacionado a cada termo analisado.

Neste processo nós buscamos mostrar o diálogo que estabelecemos com os demais autores, porque de acordo com Stumpf (2005, p. 53), o referencial teórico ajuda a apresentar conceitos e fatos que são identificados no decorrer da pesquisa.

Utilizando o método das mediações é possível também incorporar análises voltadas para todo o processo comunicacional, e por isso iremos apresentar no decorrer do artigo um mapa próprio, confeccionado por nós. Como ele será possível ilustrar os eixos que proporcionam articulações da comunicação e suas práticas com o universo da cultura, para que no deslocamento metodológico, esteja incluso características fundamentais que contemplem as possibilidades de representação das diferenças.

Essa proposta de perceber o que está representado na comunicação, parte da concepção de uma cultura cotidiana incorporada no avanço da experimentação e criatividade dos sujeitos, em diálogo com o que se constrói nos movimentos sociais, estudos acadêmicos e saberes coletivos sobre cultura e comunicação das diferenças, sem confundir esse processo apenas com o conceito único de mídia.

Embora confundida com as mídias - tecnologias, circuitos, canais e códigos - a comunicação remete hoje, como tem feito ao longo da história, aos diversos modos e espaços de reconhecimento social. Isso está relacionado aos modos e espaços, em que se tornam compreensíveis as transformações sofridas pelas próprias mídias e seus usos (MARTÍN-BARBERO, 2003, p.23).

Uma importante reflexão sobre a existência de determinadas práticas de comunicação, as quais Martín-Barbero (2003, p. 25) diz estarem ligadas também às novas formas de viver e se relacionar. O método das mediações influencia perceber o papel fundamental da comunicação na incorporação da mudança, e

como a mídia tem papel nela, atuando na reconfiguração das relações entre público e privado, na reorganização de novos tempos e espaços que se abrem para a representação das diferenças.

A seguir, abordaremos a possibilidade de realizar um deslocamento metodológico e apresentaremos um mapa que integre as noções de representação das diferenças, considerando as dinâmicas do processo comunicativo na cultura da mídia digital. Concluiremos com uma breve reflexão sobre a importância de direcionar nossas pesquisas para trocas reflexivas e sensoriais no processo comunicacional, destacando como isso pode contribuir para que o conhecimento possa ser produzido.

Deslocamento Metodológico

Para Rincón (2018, p. 76) “a comunicação é, assim, uma tática política que amplia os modos, as estéticas e as políticas de enunciação midiática e de redes”. Essa concepção nos permite vislumbrar fenômenos sociais que se originam nos saberes de diferentes sujeitos representados naquilo que será enunciado. Uma vez que o conceito de mediações desenvolvido por Martín-Barbero (1997, p. 17) é o resultado de articulações entre as práticas de comunicação com as atividades desenvolvidas por diferentes movimentos sociais, e a produção de sentido sobre eles.

As discussões sobre modos de produção de sentido pelos sujeitos conseguem avançar quando nos desprendemos da ideia exclusiva da alienação oriunda da cultura de massa, porque determinadas ações serão permeadas também por questões políticas. E mesmo que certas práticas de comunicação não sejam necessariamente frutos de uma política ideológica, podem ser acontecimentos que fazem parte da construção simbólica pertencente a um determinado movimento social coletivo e seus saberes narrativos, que segundo Rincón (2018, p. 76) são estratégias importantes para lutar “contra os medos impostos pela política e contra a invisibilidade pública dos meios e das redes massivas”.

O que é muito complexo diante da velocidade em que a informação, o conhecimento e as trocas de saberes entre os sujeitos circulam, pois podem existir estratégias que tentam inviabilizar, contestar ou censurar a comunicação das

diferenças. E muitas vezes surgem informações descontextualizadas por fenômenos sociais e políticos diversos, que tentam censurar obras de audiovisual, histórias em quadrinhos, ações sociais voltadas para as existências das pessoas negras, LGBTQIAPN⁴, mulheres, ou aqueles que lutam em seus grupos, fora deles, exigindo o direito de serem vistos, respeitados e assistidos pelo poder do Estado.

Propomos uma revisão metodológica abrangente do processo de comunicação, considerando as resistências e ressignificações quando os indivíduos se apropriam das práticas. Eles utilizam estrategicamente essas ações para ocupar espaços nos meios de comunicação de massa, incorporando suas perspectivas de classe, etnia, geração, gênero, sexualidade, origem, entre outros (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 25).

As atividades que interferem no ato de comunicar, presente na perspectiva barberiana, permite explorar um conceito que não reduz o entendimento do que é bom ou ruim na cultura, mas ativa aquilo que se origina das práticas de comunicação da cultura de massa que é de pessoas, a qual também seja resultado de experimentações culturais, com estímulos permanentes da experiência da apropriação, invenção e recriação constante das identidades (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 25).

Entender as práticas de comunicação é empregar o método das mediações para analisar os processos de adoção de tecnologias como impulsionadoras de interações na cultura contemporânea. Isso permite identificar as diversas contribuições de diferentes interlocutores por meio de formas dialógicas de comunicação, utilizando a mídia e seus produtos como componentes culturais.

As mediações, no plural, são um lugar equidistante entre a produção e a recepção do processo comunicativo e tratam de aspectos da interação dos sujeitos com os meios: sua produção de sentido sobre eles em diálogo com as mensagens e códigos enunciados (MARTÍN-BARBERO, 2018, p. 14-15).

⁴ Essa sigla diz respeito a pessoas LGTTTTQIAPN+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, queer, intersexuais, assexuais, pansexuais e não-binários). E o + enfatiza a existência de outras configurações de sexualidade e identidade de gênero, das quais temos consciência que podem ser mais diversas.

A partir do conceito, não se propõe exclusivamente a discussão da perspectiva de recepção, mas todo o processo comunicacional: desde a produção, o produto e a recepção. É por isso que Martín-Barbero (2018, p. 15-16) começa a sugerir a interpretação das mediações a partir de seus mapas, que se configuram como uma cartografia do processo comunicativo, destacando a interação dos sujeitos com os meios.

Os mapas nos proporcionam criar um esquema para observar conjuntamente a produção, o consumo e a recepção dos nossos objetos culturais. E demonstrar de forma prática, como as mediações são articuladas como a vida cotidiana, juntamente com a inserção de novas tecnologias, formas de interagir e se comunicar.

O deslocamento metodológico através dos mapas surge para contemplar as mediações observadas em contextos dos quais podemos discutir as estratégias de produção, circulação/consumo e produção de sentido de imagens, em consequência da comunicação e seus novos dispositivos. Para desenvolver melhor esta abordagem, é possível recorrer aos mapas, que foram elaborados por Martín-Barbero em pesquisas anteriores.

FIG. 1: Mapa das mediações



Fonte: MARTÍN-BARBERO (1998)⁵ *apud* RINCÓN (2018, p. 74)

⁵ MARTÍN-BARBERO, J. De la comunicación a la filosofía y viceversa: nuevos mapas, nuevos retos. In: LAVERDE TOSCANO, M. C.; REGUILLO, R. (dir.). **Mapas nocturnos:** diálogos con la obra de Jesús Martín Barbero. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 1998. p. 201-221.

Este é apenas um exemplo, pois existem vários outros mapas que continuam revisitados ao longo do tempo. Para Rincón (2018, p. 74), este esquema em específico apresenta as técnicas em que a sociedade projeta para sentir através de seus processos de comunicação.

Mesmo diante de diversas reformulações do mapa, Lopes (2018, p.15) adverte-nos sobre a inexistência de uma definição única para mediação, uma vez que ela é percebida como uma ideia fluida. Isso é evidenciado na teoria barberiana, onde a mediação está em constante sintonia com as mudanças na sociedade, especialmente aquelas relacionadas à comunicação.

Todos esses elementos que geram tensões em torno do ponto central do mapa têm como objetivo evidenciar que a comunicação vai além de simples meios ou entretenimento. Em vez disso, ela abraça aspectos culturais, a identidade do povo, a liberdade, a resistência, a cumplicidade e a criação. Isso implica que o mapa desempenha um papel crucial ao posicionar a comunicação como um resultado de práticas impulsionadas por fluxos, que se manifestam em novas formas de pensamento, provocam tensões e instigam mutações (RINCÓN, 2018, p. 66).

A sensorialidade abrange tanto o ato de sentir quanto as sensações, juntamente com as estratégias desenvolvidas pela sociedade para vivenciar essas sensações. De outra perspectiva, podemos examinar as redes e os relatos como formas de produção que ganham forma como resultado de tensões com as concepções de identidades e cidadanias. Essas tensões também dão origem às tecnicidades decorrentes das interseções dessas redes, as quais são cruciais para a determinação dos estudos de comunicação (RINCÓN, 2018, p. 74).

Essas noções podem ser muito mais complexas e exploradas de acordo com a percepção do ecossistema comunicacional, e a função atribuída ao mapa pode ser adaptada conforme cada objeto de pesquisa. Por isso, confeccionamos um mapa próprio, para entender a comunicação como resultado de vivências culturais que os indivíduos presenciam e acumulam em seu cotidiano, sem ignorar as transformações do meio social, seus conflitos e contradições. O mapa também

pode ser utilizado para perceber as questões sociais que influenciam a representação dos distintos sujeitos culturalmente.

Resultado e Discussões

A versão do mapa construído por nós funciona como forma de reflexão sobre as práticas de comunicação na cultura da mídia, que podem se voltar para estratégias de representação das diferenças, uma vez que a formulação dos mapas também sofre transformações constantes nos contextos culturais contemporâneos.

45

FIG. 2: Mapa das mediações e seus deslocamentos



Fonte: Elaborado pelos autores

As cognitividades presentes no mapa significam as formas de produção de diálogo e informação, que vão de encontro com técnicas, que são as formas de produção criativa no tempo e espaço das mídias digitais, internet, serviços de *streaming*, etc. Isso gera atritos constantes na cultura da maioria, a partir do momento que distintas formas de se produzir podem também transmitir imagens capazes de comunicar sobre as diferenças.

Para que estes fatores possam ser perceptíveis, a criação de imagens não se distancia da possibilidade de gerar sensibilidades, pois conforme os seus modos de produção, é que será possível gerar visibilidade e representação das diferenças

para sujeitos que por muito tempo tiveram suas existências negligenciadas em espaços da cultura da mídia. E ao estarem presentes em novos formatos, poderemos estar diante de atividades que geram resistências, diante da complexidade que são os fatores que envolvem a comunicação com o outro e suas constantes transformações.

A construção desse mapa auxilia a leitura dos fenômenos resultantes de práticas de comunicação que fazem parte dos formatos oriundos do tempo e espaço em que os sujeitos passam a reivindicar meios de produção e exibição de seus saberes e fazeres.

O tempo e o espaço já não são o que costumavam ser. Os espaços se transformaram de algo em que se vive para algo que perdura, multiplicaram-se e diversificaram-se, perdurando nos tempos. Enquanto isso, os cidadãos passam a experimentar temporalidades diversas simultaneamente: a das velocidades das redes até as lentidões ancestrais, da vertigem do videogame à paciência do bem viver. Vive-se nos tempos, perdura-se em espaços (RINCÓN, 2018, p. 74).

Estes fatores nos levam a atribuir o deslocamento metodológico à utilização dos mapas, pois assim poderemos abordar em nossas análises, as questões de visibilidade, sensibilidade, resistência e diferenças, oriundas do ecossistema comunicacional. Uma vez que eles tendem a se transformar muito rapidamente, já que na cultura da mídia contemporânea ao mesmo tempo que as informações - verdadeiras ou não - circulam com facilidade, múltiplas questões poderão ser discutidas o tempo todo.

A comunicação está ao centro, pois dela partem as possibilidades de inserção desse movimento constante da cultura e suas atribuições, que também são ações políticas. Quando jovens periféricos resolvem filmar seu cotidiano com intuito de mostrar nas redes sociais seus passos de dança, seu modo de vestir, suas dificuldades ou até mesmo reivindicações políticas, a comunicação resulta da utilização de ferramentas criativas para produzir imagens que contenham todos esses aspectos descritos no mapa.

Um processo que não surge apenas com a inserção da tecnologia, e da ideia de gerar visibilidade para a diversidade de nosso cotidiano na produção e consumo de imagens que são mais próximas da cultura de cada indivíduo. Trata-se também

de algo mais profundo, pois requer que sensibilidades sejam a base de trocas reflexivas, que irão gerar as formas de resistência, e conseqüentemente mais empatia, respeito, conhecimento e outras maneiras de mobilizar a representação das diferenças na cultura da mídia.

Trocas reflexivas, sensoriais e educacionais das práticas de comunicação

Não podemos negar a possibilidade de atingir níveis de sensibilização através de práticas de comunicação e representação das diferenças por intermédio de imagens produzidas. Há uma necessidade de sensibilização através dos diferentes corpos e discursos que ainda precisam ser vistos e ouvidos, em tempos que até os direitos garantidos passam a ser contestados.

Ao procurar por novas e diversas imagens, que circulam através de distintas práticas de comunicação, as pessoas também iniciam uma busca por novos significados. Desta forma, segundo Wulf (2013, p. 32) é preciso compreender as concepções imagéticas que podem ser constituídas em detrimento do efeito da representação dos diferentes corpos no decorrer dos tempos e espaços.

Quando o fluxo de circulação das imagens através de fotos, vídeos ou filmes aumentam, não se percebe somente a existência das ferramentas de reprodução e fruição na cultura da mídia, mas também cada vez mais pessoas se tornando produtoras de suas próprias imagens, as quais são facilmente disseminadas nas redes e por todo o globo (WULF, 2013, p. 33).

Essa capacidade criativa é um fator que precisa ser levado em consideração no deslocamento metodológico, não apenas por ser possível estimular a capacidade imaginativa dos sujeitos a partir de novas representações, mas porque também são parte de um processo de tecnicidades e cognitividades, que estão ligadas à ação de trocas sensoriais e reflexivas das práticas de comunicação na cultura da mídia e na produção de sensibilidades.

Para Lopes (2018, p. 20-21), pensar as tecnicidades no contexto atual da comunicação não é apenas valorizar a técnica, mas todo o aparato sensível e criativo utilizados no estabelecimento de práticas de comunicação. E se isso gera

a produção de artefatos simbólicos oriundos de um processo comunicativo, precisamos conseqüentemente deslocar os métodos de análises para também vislumbrar as facilidades de trocas que se estabelecem nos processos de interação nas mediações.

As técnicas e as cognitividades podem ser observadas ao mesmo tempo em que a reprodução das imagens também se torna resultado das transformações sociais das práticas de comunicação, possibilitando a descentralização tanto das lógicas de produção quanto para a aquisição do saber e suas formas de produzir diálogo. Em um movimento constante de trocas reflexivas que favorecem a geração de empatia, pois de alguma forma pode gerar conhecimento para todos os envolvidos.

A produção de imagens gera novas oportunidades de aprendizado, já que este tipo de processo estimula a imaginação, a capacidade interpretativa, que por sua vez gera aprendizado. E quanto maior o aprendizado, melhor podemos nos tornar sensíveis ao mundo, diante de tanta tecnologia e a capacidade de traduzir o mundo em imagens (WULF, 2013, p. 43).

As práticas comunicacionais desempenham um papel crucial como ferramentas instigadoras de transformações por meio da produção midiática. Uma vez que as imagens carregam consigo significados intrínsecos, e os espectadores têm a capacidade de interpretá-los de diversas maneiras, surge a oportunidade de criar janelas para a promoção de diálogos. Essa interação entre a produção de mídia e a interpretação do público não apenas transmite significados, mas também propicia a abertura de canais para a construção de diálogos significativos.

A comunicação é um processo a ser interpretado, e não necessariamente de forma objetiva, mas valorizando o desempenho de intersubjetividade. Podemos pensar as práticas de comunicação acontecendo em um ambiente de liberdade de informação, por seu caráter humanístico, sua forma de ser produzida e como está sendo acumulada e realizada a partir de novos pontos de vista e discursos (FLUSSER, 2007, p. 95).

Para produzir informação, os homens trocam diferentes informações disponíveis na esperança de sintetizar uma nova informação. Essa é a forma da comunicação dialógica. Para

preservar, manter a informação, os homens compartilham informações existentes na esperança de que elas, assim compartilhadas, possam resistir melhor ao efeito entrópico da natureza. Essa é a forma de comunicação discursiva (FLUSSER, 2007, p. 97).

Pode haver inclusive momentos de maiores posicionamentos discursivos, e outros que irão favorecer repercussões mais dialógicas. Da mesma maneira, ainda será possível distinguir determinadas mensagens a partir de seu conteúdo, semanticamente, ou a partir de sua estrutura, sintaticamente, num fluxo livre de inter-relação (FLUSSER, 2007, p. 99).

Essas relações estabelecem os códigos, que serão os mediadores de nossa compreensão do mundo. Nos momentos de expressividade, na forma de comunicar com o outro, levamos em consideração nossa própria ideia sobre as coisas, a partir de nossas próprias subjetividades. Os processos de interação se tornam fatores indispensáveis para o desenvolvimento da cultura, pois o seu desenvolvimento é intermediado por práticas de comunicação que podem ser interpretadas de acordo com as possibilidades vivenciadas no cotidiano das pessoas.

É como curtir um som no fone de ouvido, e criar na mente suas próprias imagens, reflexões e assimilações emocionais acerca do que a música propõe. Um exemplo que serve para demonstrar que a ânsia por imagens é também ânsia por significados, e que as práticas atentas de escuta interna são importantes caminhos para ter clareza das imagens do mundo. Aquilo que nos afeta com imagem, som e palavras, são fixadas e impactam os processos de independência, criatividade e imaginação, pois ao se colocar e se impor diante dos estímulos e informações recebidas, através de um processo de escuta indispensável, é que acontece a geração da reflexividade (KEMPER *et. al*, 1987, p. 60-61).

As nossas habilidades cognitivas, são resultantes das formas de transmissão cultural, influenciadas pelo ambiente social e pela perspectiva que se dá através do outro. E apesar dos modelos de identificação existirem, é possível que eles nos forneçam algumas ideias para que possamos criar outras perspectivas sobre as coisas do mundo e não apenas segui-los sem nenhuma reflexão (TOMASELLO *et al*, 1993).

Partindo dessas reflexões, é possível considerar o emprego de mapas como uma abordagem metodológica inovadora para análises. Esses mapas devem atuar como ferramentas específicas, desempenhando o papel de instrumentos que facilitam a apresentação de discussões voltadas para as mediações e suas interações com o uso de tecnologias digitais, redes sociais, produção audiovisual, performances mediatizadas, ou qualquer prática de comunicação que adote estratégias criativas para promover a circulação entre cultura, troca de experiências, processos dialógicos, ativismos e sensibilidades. Isso se torna especialmente relevante em uma era em que a internet desempenha um papel central na mobilização para o compartilhamento de imagens.

A mobilidade, do trânsito incessante das migrações e das navegações virtuais dos internautas, nos traz o aparecimento das novas figuras de sensibilidade. E os fluxos que, como os dos migrantes que provocam desordens sociais e políticas na cidade, também são os fluxos de imagens, informação, das imagens, linguagens e escrituras virtuais. (LOPES, 2018, p. 19-20).

Essa dinâmica desencadeia processos que amplificam a convivência com as diferenças, uma vez que os indivíduos passam a interagir mais profundamente com diversas formas de mídia. Ao se apropriarem de variadas práticas de comunicação, eles reconfiguram sua concepção de identidade por meio da incorporação de tecnologias digitais, que, por sua vez, assumem a forma de bens simbólicos e mensagens que adquirem significado no contexto do uso social (BRIGNOL, 2018, p. 124).

A facilidade de troca de imagens também pode criar um ambiente propício para gerar conhecimento sobre questões relacionadas à representação das diferenças. Esses temas, que frequentemente encontram dificuldades de serem abordados no cotidiano das famílias, escolas ou outros ambientes de interação, podem assim encontrar espaço de discussão e compreensão.

Os conteúdos digitais, em constante circulação e, em certa medida, livres de censura, têm o potencial de criar ambientes propícios para o aprendizado. Nesse contexto, podemos dialogar com a afirmação de Paulo Freire (1987, p. 13) de que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.

O pensamento de Paulo Freire, embora não diretamente relacionado ao contexto da era digital ou das mediações, incita a reflexão sobre a criação de ambientes cognitivos por meio de novas sensibilidades e formas virtuais de expressão.

Isso impacta a transmissão de conteúdos didáticos, valores e estilos de vida em diversos contextos, como, por exemplo, na dinâmica da sala de aula. Para cativar a atenção de alunos habituados às tecnologias de várias mídias, os professores precisam incorporar métodos de mediações de conteúdo. Isso implica estar aberto a reconfigurar a experiência diária de ensino, assumindo mais o papel de orientador do conhecimento do que de detentor exclusivo da razão.

Ao considerar a amplitude das cognitividades, é crucial ressaltar a oportunidade de implementar mediações que promovam a aquisição de conhecimento para todos os participantes envolvidos, porque de acordo com Freire (1983, p. 46) “educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”.

Em face dessas considerações, é crucial reconhecer a viabilidade de conceber um processo educacional alinhado entre o produtor de conteúdo e aqueles que serão impactados por ele. Além disso, é possível integrar abordagens educativas especializadas para desenvolver representações visuais das diferenças em ambientes digitais, através de uma construção coletiva de conhecimento. Isso facilita a promoção de intercâmbios educativos sobre temas como feminismos, diálogos antirracistas, eventos históricos e questões LGBTQIAPN+.

Educar e educar-se, na prática da liberdade, é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem – por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais – em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais (FREIRE, 1983, p. 15).

Um mapa das mediações deve integrar conceitos que permitam entender as interações que promovem diálogos e trocas de saberes entre os sujeitos nos ambientes digitais. E ampliar as discussões de temas frequentemente ocultos ou discutidos de maneira restrita ao meio acadêmico.

Para Martín-Barbero (2018), ações como estas podem colocar em crise os meios de aquisição de informação na vida cotidiana e provocar o desmantelamento das formas tradicionais de resistência e autoridade da escola à família, pois o seu status e o poder passam a ser questionados.

Considerações finais

A maneira como os seres humanos percebem suas relações com seu universo interior e práticas de comunicação reflete a conexão individual com o mundo, revelando novas sensibilidades e a capacidade de provocar reflexões por meio de imagens. Isso nos instiga a analisar criticamente o papel da cultura, constantemente moldada pelas práticas de comunicação e pelo potencial da tecnologia utilizada por diversos indivíduos. Estes, por sua vez, buscam representar ou reivindicar a visibilidade de suas experiências cotidianas e sua forma única de existir no mundo.

Os agentes comunicacionais que representam papéis sociais, culturais e políticos podem não se mostrarem presentes nos fluxos das mediações. Haja visto que quando os movimentos sociais do século XXI buscam alternativas audiovisuais na cultura da mídia para mediações das identidades e diferenças, é possível perceber mudanças significativas da atividade política na reivindicação de direitos, mas que não passa de uma visibilidade aparente. Na prática, a facilidade de acesso aos meios digitais não garante que as representações vistas na mídia estejam de acordo com a expressão da cultura (JACKS; SCHMITZ, 2018, p. 117).

“Se antes reivindicavam necessidades de representação, agora são as de reconhecimento, ou seja, a de fazerem-se visíveis socialmente em sua diferença, o que lhes é facultada por estarem nos meios” (JACKS; SCHMITZ, 2018, p. 117).

Um deslocamento metodológico deve atender a essas necessidades, pois à medida que as camadas populares ganham mais visibilidade no cinema, rádio, televisão e internet, elas continuam a desempenhar um papel crucial na representação de um sentimento mais autêntico do cotidiano na cultura de massa. Isso, por sua vez, promove o reconhecimento mais amplo de suas questões mais profundas na mídia, na arte e nos ambientes de produção de conhecimento.

O mapa das mediações como deslocamento metodológico, nos permite compreender desde antes de qualquer análise, que a cultura não está dissociada dos processos comunicacionais. E com um maior acesso a tecnologias digitais, as mediações estão em diferentes contextos culturais, e as demandas das representações sociais se tornam ainda mais presentes na mídia.

A audiência também se tornou mais ativa, diversificando modos de consumir, obrigando assim os pesquisadores a rever instrumentos de análises para incorporar as novas noções do conceito de cultura da mídia que contrapõe a representação padrão, e que fazem parte de processos e práticas que incentivam a presença da diversidade cultural nas produções artísticas, comunicacionais e educacionais.

A comunicação não precisa ser vista apenas como algo engessado, pois pode estar incorporada no fluxo do movimento que atravessa e desloca a cultura. Assim, conseguimos desvendar através do mapa criado por nós, uma cultura que seja o retrato movente da sociedade, pois suas mediações deixam de ser instrumentos passageiros para se fortalecerem como aquilo que estrutura nosso tempo e espaço.

Seja através da perspectiva das mediações e seus mapas ou qualquer outra forma de análise, é preciso continuar a causar deslocamentos metodológicos, para que possamos contemplar processos que envolvem a produção de novas imagens de representação das diferenças em práticas de comunicação na cultura da mídia. Ao criar adaptações nos métodos, podemos observar fenômenos em âmbito local, ou mesmo numa perspectiva mais globalizada, mas que sofrem interferências a todo momento. Afinal, se hoje em dia tudo comunica à sua maneira, nós precisamos estar atentos para o que de fato produz - ou não - transformação.

Referências

BRIGNOL, Liliâne Dutra. Tecnicidade e identidades migrantes: contribuições de Martín-Barbero para pesquisas sobre migrações e usos sociais das mídias. *Intexto*, Porto Alegre, n. 43, p. 119-134, set./dez. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.19132/1807-8583201843.119-134> Acesso em: 09 jul. 2023.

- FLUSSER, Vilém. *O mundo codificado: Por uma filosofia do design e da comunicação*. São Paulo: Cosac & Naif, 2007, 224 p.
- FREIRE, Paulo. *Extensão ou Comunicação?*. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008. 200 p.
- JACKS, Nilda. SCHMITZ, Danila. Os meios em Martín-Barbero: antes e depois das mediações. *Matrizes*, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 115-130, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/download/137525/139748/> Acesso em: 11 ago. 2023.
- KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia - estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru: EDUSC, 2001. 451 p.
- KEMPER, Dietemar. KNÖDLER-BUNTE, Eberhardt. PLESSEN, Marie-Louise. WULF, Christoph. Tendências da sociedade cultural. Uma discussão. Tradução de Marcondes Filho. In: *Asthetik und Kommunikation*, v. 67/68, a. 18, 1987, p. 55-74.
- LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Jesús Martín-Barbero e os mapas essenciais para compreender a comunicação. *Intexto*, Porto Alegre, n. 43, p. 14-23, set./dez. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.19132/1807-8583201843.14-23> . Acesso em: 09 ago. 2023.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997. 356 p.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús: Comunicación y cultura: una relación compleja. In: PORTAL MORENO, R; RECIO SILVA (Org). *Comunicación y comunidad*. Havana: Editorial Félix Varela, 2003. p. 19-26.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações: 3 introduções. *Matrizes*, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 9-31, jan/abr, 2018. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/145681/139737> Acesso em 03 ago. 2023.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. BARCELOS, Claudia. Comunicação e mediações culturais [Entrevista]. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 151-163, jan./jun. 2000. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/2010/1788> Acesso em: 12 jul. 2023.
- RINCÓN, Omar. Mutações bastardas da comunicação. *Matrizes*, São Paulo, v. 12, n. 11, p. 65-78, jan/abr, 2018. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/download/145682/139742/2922>

03 Acesso em: 25 jul. 2023.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, J; BARROS, A (org.). *Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005.

TOMASELLO, Michael; KRUGER, Ann Cale; RATNER, Hilary Horn. Cultural Learning. *Behavioral and Brain Sciences*, Cambridge, v. 16, p. 495-552, 1993.

WULF, Christoph. *Homopictor: Imaginação, Ritual e Aprendizado Mimético no Mundo Globalizado*. São Paulo: Hedra, 2013.